

5. Conclusão

Cada sociedade produz um tipo ideal de corpo. Este padrão é ditado de acordo com o contexto histórico-social em que ele está inserido. A sociedade contemporânea tem como ideal de perfeição o corpo delgado e esculpido, vendido pela publicidade como sinônimo de saúde. Os modelos, ícones desta sociedade de consumo, seduzem por sua beleza apolínea e fazem com que as pessoas se coloquem em um movimento no qual o corpo está em constante mutação.

Na tentativa incessante de se assemelhar a este modelo imposto, torna-se cada vez mais usual vermos corpos serem submetidos às práticas de transformação corporal. Diante disto surgem duas questões: no que este corpo está se transformando? E quais são as formas que ele está adquirindo?

As práticas de transformação corporal vão nos apontar caminhos distintos na maneira como este corpo é construído. Em uma primeira vertente estariam as pessoas que buscam corresponder e igualarem-se a estes modelos. Esta seria preponderante. Por exemplo, as vencedoras de concursos de miss já admitem terem feito várias cirurgias plásticas na tentativa de minimizar em seus corpos, características destoantes do padrão de beleza vigente.

Observamos também programas de televisão que reportam os dolorosos e sofridos passos necessários para transformar um simples mortal em uma beldade. O nome de um desses programas não poderia ser mais ilustrativo: *The Swan*, ou seja, como passar de patinho feio a cisne através das práticas de transformação corporal. Como ícones deste movimento poderíamos citar o superstar Michael Jackson e Cindy Jackson, a mulher que está moldando seu corpo para ficar igual à boneca Barbie. Embora no caso do cantor este processo não tenha alcançado um resultado muito satisfatório, ambos estariam em um processo de modificação corporal que busca transformá-los à imagem e semelhança do padrão de beleza ditado pela sociedade ocidental. Como resultado deste processo vemos pessoas que apresentam uma beleza homogênea, pasteurizada, no qual os corpos se tornam perfeitos. Perfeitamente formatados.

A *Body Modification* extrema surge na outra vertente e parece se contrapor a estas exigências sociais. Neste sentido, o trabalho de Orlan se faz fundamental. Esta é a sua diferença: ela não quer ser a boneca Barbie. Sua transformação não é

ditada por nenhum ícone de beleza. Sua força está na sua escolha pessoal. Em nossa compreensão este é o ponto central de nossa análise. Se na atualidade a decisão pessoal é cada vez mais valorizada, o que vemos por outro lado são mecanismos coercitivos do poder atuando de forma cada vez mais fragmentada e eficaz visando a estabelecer qual é a decisão “certa” a se tomar. É neste momento que o movimento da *Body Modification* revela sua força. O direito de cada um escolher ser da forma que deseja, ou melhor, valendo-nos do pensamento de Sprague – O Homem-Lagarto –, ser o que se deseja de acordo com seus próprios termos e não em resposta a uma demanda social.

Nos depoimentos dos adeptos destas práticas é comum encontrarmos referências a um sentimento de inadequação. Estas pessoas relatam que desde a infância se sentiam diferentes, pareciam não se encaixar nos círculos sociais que freqüentavam e, usualmente, se sentiam isolados. Nestes casos, as práticas de modificação corporal proporcionam novas vivências, novas experiências e novas sensações, possibilitando um tipo de encontro consigo mesmo.

Além disto, funcionam como intensificadores de relações, ou seja, ao intervirem em seus corpos estas pessoas encontram uma nova forma de existência e viabilizam sua vida de uma outra maneira. Se antes ficavam isolados e se sentiam deslocados, passam a encontrar nas tribos a chance de inclusão tanto afetiva, quanto profissional, pois muitos acabam fazendo destas práticas uma profissão.

Em alguns casos, as práticas de transformação corporal fazem de seus adeptos artistas performáticos, ou *piercers*, tatuadores, artistas, fotógrafos, entre outras profissões. A escolha estética se transforma então em uma prática diária que possibilita tanto a integração consigo, quanto à oportunidade de se criar vínculos sociais, nem sempre restritos apenas aos membros de suas tribos. Quer dizer, os adeptos da *Body Modification*, ao transformarem seus corpos, criam possibilidades para que novas e múltiplas conexões sejam estabelecidas e tragam novas formas de relações subjetivas e intersubjetivas.

Contra os mecanismos sociais, que muitas vezes resultam na exclusão da diferença, são criados meios de inserção social. Porém, esta inserção muitas vezes se dá através da contestação das normas e valores vigentes na sociedade, ou seja, a presença destas figuras na sociedade acaba por problematizar questões relativas ao

gênero, raça, classe, sexo, etc. e toda uma série de pares dicotômicos que foram apontados ao longo deste trabalho.

Estes questionamentos podem acarretar transformações na maneira como se dá a constituição da identidade e nas interações sociais na sociedade contemporânea. É este caráter contestatório, este movimento de resistência aos mecanismos coercitivos do poder que nos pareceu particularmente interessante. O que buscamos enfatizar é o caráter de inovação que estas práticas possibilitam aos seus adeptos e a sociedade de um modo geral.

A contemporaneidade está nos apresentando uma nova forma de se pensar o indivíduo e seu corpo. Os avanços da tecnociência, em especial a informática, as telecomunicações e as biotecnologias, promovem verdadeiras revoluções em nossa sociedade e em nossa compreensão sobre nossos corpos e vidas e estariam configurando uma nova forma de ser e estar no mundo que, inevitavelmente, trazem modificações na constituição de subjetividade.

As possibilidades de se intervir no corpo são cada vez maiores e mais ilimitadas, moldando-o e transformando-o de acordo com os desejos e interesses de cada um. No âmbito da genética essas possibilidades se ampliam a limites antes inimagináveis, como as intervenções no código genético, realizadas antes mesmo do nascimento. A ciência hoje se apodera do corpo para torná-lo virtual. Tudo isto, somado ao volume de informações e a rapidez com que estas são oferecidas e processadas através dos diferentes meios de comunicação, faz com que questionemos que tipo de subjetividade se faz presente em nossa sociedade.

Somos constantemente bombardeados por uma gama de informações que, antes mesmo de podermos processá-las, já se tornam defasadas. Em um movimento contínuo, nossas certezas são questionadas e as respostas as nossas perguntas permanecem em constante elaboração. A constante evolução da ciência e da tecnologia nos traz transformações inexoráveis. Estas transformações afetam o ser humano. Frente às incertezas surgidas a partir de tantas transformações somos convocados à reflexão: o que é preciso fazer para viver em nossa era? A resposta talvez aponte para a necessidade de estarmos constantemente nos transformando. A *Body Modification* nos parece ser uma das respostas a estas mudanças. O corpo do mutante apresenta uma nova configuração, própria da contemporaneidade, e se mostra como possibilidade de questionamento frente aos padrões estéticos impostos pela sociedade.

Neste sentido, parecem antecipar as escolhas que dentro em breve todos seremos instados a fazer. Porém, a dimensão de escolha pessoal é o que irá diferenciá-los, pois, como já afirmamos, suas transformações caminham na contra-mão dos padrões socialmente aceitos. Ao invés de uma obediência cega aos ditames da sociedade, suas transformações são pautadas pela decisão pessoal. Se na atualidade os mecanismos coercitivos do poder atuam cada vez mais sobre os corpos, pensamos ser neste que surgirá a possibilidade de resistência.

Os adeptos da *Body Modification*, ao assumirem o controle sobre seus corpos, valorizando sua materialidade e plasticidade como elementos fundamentais para a criação de novas formas e significados, trazem a possibilidade de transformação nas relações do poder. Ou seja, a possibilidade da constituição de uma subjetividade em processo, em devir, implica em uma exigência de transformação constante dos mecanismos coercitivos do poder que, como vimos, visam a capturar o que surge como novo, como diferença.

Antes de encerrarmos, gostaríamos de mencionar uma afirmação feita por Hardy, o famoso tatuador citado em nosso trabalho. Em sua visão “As tatuagens dizem muito mais sobre os que a vêm do que sobre quem as têm” (Hardy apud Heuze, 2000, p.150). O artista faz uma inversão na maneira como os adeptos da *Body Modification* são constantemente abordados. Ao invés de procurar compreender o que estas marcas significam para as pessoas que as fazem, o artista valoriza os efeitos causados em quem as observa. Neste sentido, a interpretação que resulta desta observação vai dizer muito mais sobre a pessoa que emite sua opinião do que propriamente sobre a pessoa que é portadora desta. Este ponto se mostra importante uma vez que reforça a potência de afetar que estes corpos causam em nossa sociedade. Além disto, a forma como este assunto é abordado irá revelar os modos e valores dominantes na atualidade. Da mesma maneira se dá a nossa leitura sobre o movimento da *Body Modification*. Nosso intuito não era o de buscar respostas sobre os motivos que levam estas pessoas a se submeterem a estas práticas. Partindo da constatação de que estas práticas mostram-se cada vez mais usuais em nossa sociedade, buscamos compreender como se dá sua inserção e quais são seus efeitos, tanto para estes indivíduos, como para o social.

Como afirmamos no início de nossa pesquisa, não pretendíamos responder a estas questões de forma plena, mas esperamos ter cumprido nosso objetivo de abrir um campo para reflexão sobre estas práticas, os indivíduos que as praticam e

as formas de subjetivação contemporâneas, bem como o estatuto do corpo em nossa sociedade.